



Mostra Socioambiental de Filmes

18 e 19 março 2016

Associação dos Moradores da Praia de Gaibú
Rua Laurentino Gomes s/n - Gaibú - Pernambuco - Brasil

sexta 18 março

Instalação “Refúgio made in China” - 17 hs

Carla Lombardo

A vida na terra lembrada e fantasiada em plástico. Antropoceno.

Prog. Animal qualquer(e)r - 19 hs

Mulher não é objeto. Humano não é coisa. “Coisas de viado”. Homem: “um animal de linguagem”, e aqueles sem?

Homem-animal, animal humano ameríndio. A vida como fluxo de inter-relações no sistema terra.

Programador: ✕

S/t / Claudio Caldini / 2' 50

Amor com a cidade / Juliana Dorneles / 15'

Trecho do “Índio cidadão” / Ailton Krenak / 4'

Scrapbook / Mike Holboom / 18'

Lesser Apes / Duke & Battersby / 12'

Dixon / Rai Sacramento e Dixon / 3'

Ensopado de coelho / Pollux / 17'

sabado 19 março

Mesa redonda - 17 hs

Milícia, remoções e redução da possibilidade de vida no território de Suape.

Convidados: Representantes do Forum Suape / Conceição - Advogada da CPT / Seu Biu - residente da ilha de Tatuoca / Adriana - Mulheres

Programa Cidade da Sⁱlva - 18 hs

A cidade como selva, a selva como nome comum: Silva. Os povos da/do Silva, povos da floresta, transpostos à selvas de cimento. Não há pedras nessas selvas. As etno-paisagens em metamorfose e os rastros do homem na terra se inscrevem como marcas irreversíveis. A medida possível do dano: uma era geológica.

Programador: ✕

Spetsai / yann beauvais / 15'

Tempo, Espaço, Gaibu / Rai Sacramento / 10'

Heliografia / Claudio Caldini / 5'

Silvia Shade / Cherry Kino / 4'

Exília / Renata Claus / 23'



O FEMINISMO NÃO É UM HUMANISMO*

POR PAUL BEATRIZ PRECIADO

Durante uma de suas “conversações infinitas”, Hans-Ulrich Obrist me pede para fazer uma pergunta urgente, que artistas e movimentos políticos deveriam responder em conjunto. Eu digo: “Como viver com os animais? Como viver com os mortos?”. Outra pessoa pergunta: “E o humanismo? E o feminismo?” Senhoras, senhores e outros, de uma vez por todas, o feminismo não é um humanismo. O feminismo é um animalismo. Dito de outro modo, o animalismo é um feminismo dilatado e não antropocêntrico.

Não foram o motor a vapor, a imprensa ou a guilhotina as primeiras máquinas da Revolução Industrial, mas sim o escravo trabalhador da lavoura, a trabalhadora do sexo e reprodutora, e os animais. As primeiras máquinas da Revolução Industrial foram máquinas vivas. Assim, o humanismo inventou um outro corpo que chamou humano: um corpo soberano, branco, heterossexual, saudável, seminal. Um corpo estratificado, pleno de órgãos e de capital, cujas ações são cronometradas e cujos desejos são os efeitos de uma tecnologia necropolítica do prazer. Liberdade, igualdade, fraternidade. O animalismo revela as raízes coloniais e patriarcais dos princípios universais do humanismo europeu. O regime de escravidão, e depois o regime de trabalho assalariado, aparece como o fundamento da liberdade dos “homens modernos”; a expropriação e a segmentação da vida e do conhecimento como o reverso da igualdade; a guerra, a concorrência e a rivalidade como operadores da fraternidade.

O Renascimento, o Iluminismo, o milagre da revolução industrial repousam, portanto, sobre a redução de escravos e mulheres à condição de animais e sobre a redução dos três (escravos, mulheres e animais) à condição de máquinas (re-) produtivas. Se o animal foi um dia concebido e tratado como máquina, a máquina se torna pouco a pouco um tecnoanimal vivo entre os animais tecnovivos. A máquina e o animal (migrantes, corpos farmacopornográficos, filhos da ovelha Dolly, cérebros eletrodigitais) se constituem como novos sujeitos políticos do animalismo por vir. A máquina e o animal são nossos homônimos quânticos.

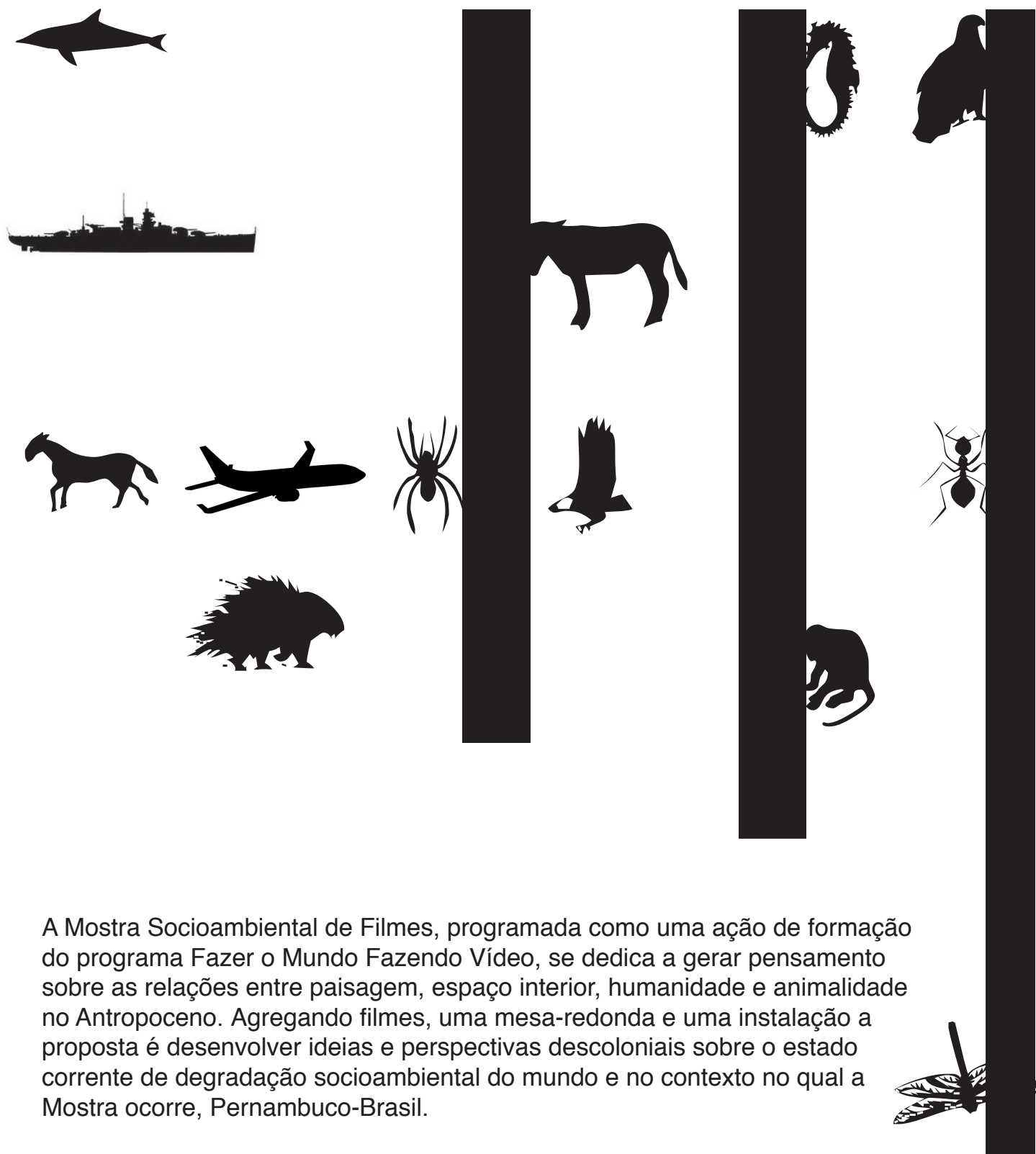
Já que toda a modernidade humanista soube apenas fazer proliferar tecnologias da morte, o animalismo deverá convidar a uma nova maneira de viver com os mortos. Com o planeta como cadáver e como fantasma. Transformar a necropolítica em necroestética. O animalismo torna-se portanto uma festa fúnebre. Uma celebração do luto. O animalismo é rito funerário, nascimento. Uma reunião solene de plantas e de flores em torno das vítimas da história do humanismo. O animalismo é uma separação e um acolhimento. O indigenismo queer, a pansexualidade planetária que transcende as espécies e os sexos, e o tecnoxamanismo, sistema de comunicação interespecies, são dispositivos de luto.

O animalismo não é um naturalismo. É um sistema ritual total. Uma contratecnologia de produção da consciência. A conversão para uma forma de vida, sem qualquer soberania. Sem qualquer hierarquia. O animalismo institui seu próprio direito. Sua própria economia. O animalismo não é um moralismo contratual. Ele recusa a estética do capitalismo e sua captura do desejo pelo consumo (de bens, ideias, informações, corpos). Ele não repousa nem sobre a troca nem sobre o interesse individual. O animalismo não é a revanche de um clã contra outro clã. O animalismo não é um heterossexualismo, nem um homossexualismo, nem um transsexualismo. O animalismo não é nem moderno nem pós-moderno. Posso afirmar, sem brincadeira alguma, que o animalismo não é um hollandisme. Não é um sarkozysme ou bleumarinisme [NT: Referências a François Hollande, Nicolas Sarkozy et Marine Le Pen]. O animalismo não é um patriotismo. Nem um matronismo. O animalismo não é um nacionalismo. Nem um europeísmo. O animalismo não é nem um capitalismo, nem um comunismo. A economia do animalismo é um benefício total de tipo não agonístico. Uma cooperação fotossintética. Um gozo molecular. O animalismo é o vento que sopra. É o caminho através do qual o espírito da floresta de átomos ainda alcança os seres que voam. Os humanos, encarnações mascaradas da floresta, deverão se desmascarar do humano e se mascarar novamente do saber das abelhas. A mudança necessária é tão profunda que se costuma dizer que ela é impossível. Tão profunda que se costuma dizer que ela é inimaginável. Mas o impossível está por vir. E o inimaginável nos é devido. O que era o mais impossível e inimaginável, a escravidão ou o fim da escravidão? O tempo de animalismo é o do impossível e o do inimaginável. Este é o nosso tempo: o único que nos resta.

* Publicado no O POVO online, 24/11/2014 .

Traduzido do francês por Charles Feitosa. Revisão Técnica: Alessandro Sales e Paulo Oneto.

Paul Beatriz Preciado (Burgos/Espanha, 1970) é filósofa, autor de numerosos ensaios e dos livros *Manifiesto Contrassexual* (Barcelona: Opera Prima, 2002) e mais recentemente *Testo Yonqui: sexo, drogas y biopolítica* (Madrid, Espasa-Calpe, 2008).



A Mostra Socioambiental de Filmes, programada como uma ação de formação do programa Fazer o Mundo Fazendo Vídeo, se dedica a gerar pensamento sobre as relações entre paisagem, espaço interior, humanidade e animalidade no Antropoceno. Agregando filmes, uma mesa-redonda e uma instalação a proposta é desenvolver ideias e perspectivas descoloniais sobre o estado corrente de degradação socioambiental do mundo e no contexto no qual a Mostra ocorre, Pernambuco-Brasil.

Agradecemos aos artistas que solidariamente cederam seus trabalhos para que esta Mostra fosse possível.

+ de Fazer o Mundo Fazendo Vídeo : vimeo.com/fazeromundofazendovideo

Realização



Patrocínio



PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Apoio

